

FACULDADE IBRATEC - UNIBRATEC
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COM ÊNFASE
EM CIÊNCIA DE DADOS

DISCIPLINA: IA e Sociedade

DOCENTE: Aunia Dantas

DISCENTE: Fernanda Maria Batista Valdevino.

Desde o famigerado artigo “Computing Machinery and Intelligence” (1950), de Alan Turing, o qual introduziu, através do “teste de Turing”, a questão “máquinas são capazes de pensar?”, até os dias atuais em meio ao acelerado desenvolvimento do aprendizado de máquinas, a humanidade vem questionando os benefícios e os malefícios das tecnologias autônomas. Uma coisa é certa, é preciso enxergar os caminhos tomados pela tecnologia, alinhando desenvolvimento com as questões sociais pertinentes, para que o resultado seja positivo para a humanidade.

Para discutirmos qualquer questão sobre inteligência artificial primeiramente é preciso compreender as 2 perspectivas que surgiram ao longo dos anos de seu desenvolvimento. Uma delas, a IA Fraca, se verifica quando existe uma construção de IA “inteligente”, porém esta não consegue pensar por si própria, ou seja, não consegue construir conhecimento a partir do que foi treinada para fazer, executando apenas o que está programado no sistema. Exemplo disso são os chatbots.

A segunda perspectiva é a de IA Forte, que se explica como o desenvolvimento de computadores capazes de pensar e, a partir disso, desenvolver um raciocínio similar ao humano, através da experiência adquirida pelo treinamento supervisionado (forma de aprendizado de máquina). Essa AGI (IA Geral) teria a capacidade de criar músicas e escrever poesias a partir de percepções correlatas às humanas, como os sentimentos.

Surgiu na ciência diversas oposições ao crescimento de IA e a possível implementação de uma IA Forte, como a Sala Chinesa de John Searle. O professor defende em sua teoria que os computadores não são por si só capazes de desenvolver estados mentais genuínos. O experimento é descrito basicamente de tal maneira: uma pessoa, falando apenas inglês, sem qualquer conhecimento,

mínimo que seja, em chinês, está sozinho dentro de uma sala, onde recebe uma história em chinês e várias perguntas sobre o texto, tendo em mãos, além da história, apenas uma carta com símbolos em chinês e instruções em inglês para responder as perguntas.

Desta forma, Searle faz a seguinte constatação: a programação feita com as informações necessárias a uma compreensão útil, faria com que o sistema fosse suficientemente capaz de produzir o resultado pretendido, porém, da forma exposta, mesmo o sistema recebendo os caracteres em chinês, levando um observador a acreditar que existiriam dados mínimos sobre idioma, o fato da pessoa dentro da caixa não compreender chinês, impede a produção das respostas. Em outras palavras, por mais que estejamos evoluindo em criação de programas computacionais, estes não conseguem se comportar de forma consciente ou inteligente de fato, caracterizando uma IA Fraca.

No centro da produção de inteligência artificial está a ideia de que um dia seremos capazes de construir uma máquina tão inteligente quanto a humana, ampla e adaptável. Todavia, até hoje construímos inúmeros sistemas que são sobre-humanos em tarefas específicas, mas energia cerebral geral maior que de pequenos mamíferos. Todavia, apesar da centralidade dessa ideia para o campo da IA, há pouco consenso entre os pesquisadores sobre quando essa façanha pode realmente ser alcançada.

Apesar dessa vontade geral que alcança os pesquisadores da área, existe dissenso qual ao tempo em que conseguiremos implementar uma AGI. De acordo com uma reportagem publicada na The Verge¹ sobre o livro Architects of Intelligence, de Martin Ford, no qual foram entrevistados pesquisadores de ponta da área, a estimativa para a criação de uma IA Forte giram em torno de 80 anos.

Tendo em vista essa distância temporal entre a criação de uma AGI e os dias atuais, já com grande impacto dos avanços tecnológicos, é necessária a discussão sobre como dar-se-ão os processos de implementação da IA Forte em sociedade.

¹ Disponível em:

<https://www.theverge.com/2018/11/27/18114362/ai-artificial-general-intelligence-when-achieved-martin-ford-book>

É certo o fato de que, da forma em que foi e continua sendo impulsionada, a tecnologia computacional não consegue ser frenada na tentativa de esperar soluções sociais. O que achamos válido e necessário é o diálogo para se pensar o “porquê” e o “para quê” da tecnologia, para que assim possamos direcionar as criações que certamente estarão no mercado em alguns anos.